

Vidigal contra novos empréstimos

JOSE ANTONIO
RIBEIRO

O Brasil não deve pegar mais dinheiro externo emprestado. O que precisamos fazer é reconhecer que temos uma dívida, começar a pagá-la quando for possível e não aceitar mais um dólar emprestado porque com US\$ 10 bilhões de superávit comercial, temos condições de crescer. Não será um crescimento muito grande mas será um crescimento sadio sem depender de ninguém.

A sugestão é do presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil, Gastão Eduardo de Bueno Vidigal. Ele lembra que alguns países fora do bloco capitalista conseguiram, com sacrifício e sem ajuda externa, crescer o suficiente para gerar empregos e solucionar os problemas sociais básicos e que esse caminho poderia perfeitamente ser seguido pelo Brasil.

"Chega de ficar de chapéu na mão mendigando alguns dólares no Exterior. Não precisamos disso. Quem precisa emprestar são os banqueiros credores, mas infelizmente parece que não percebemos ainda que temos condições para manter um crescimento sustentado", disse Vidigal em entrevista ao Estado. A moratória, segundo ele, não foi uma



Jovenci de Freitas

"Chega de ficar de chapéu na mão"

opção porque realmente não tínhamos como pagar. "Mas foi graças à moratória que continuamos vivendo relativamente bem até agora."

Embora defenda uma atitude mais independente em relação à dívida, reconhecendo o compromisso externo mas sem mendigar novos empréstimos para rolar as operações vencidas, Vidigal não acredita que esse é o caminho que o governo brasileiro seguirá. "Acho que o problema da dívida externa já está encaminhado. O Brasil receberá dos credores condições favoráveis para ir ao Fundo Monetário Internacional e, com isso, receberá mais dinheiro", prevê Vidigal.

Esse acerto com os credores, segundo o presidente do Mercantil, será conseguido apesar de alguns tropeços na negociação. "Os banqueiros estão acariciando o Brasil, conduzindo-o para essa saída, porque temem que se o País entortar a América latina também entorta." No fundo, essa é conclusão falsa porque o Brasil não tem nada a ver com a América Latina, é outra realidade e não precisamos ficar perdendo tempo com a discussão de acordos no continente ou com reunião de presidentes, como essa realizada recentemente no México.

Mesmo que receba novos empréstimos após o acordo que está fazendo com os credores, Vidigal considera indispensável que o Brasil não entre novamente na aventura de crescimento acima de 5% ao ano porque essa expansão não teria consistência e as consequências negativas não demorariam a aparecer. "Peço a Deus para que não cresçamos mais que 4 a 5% no próximo ano."

INFLAÇÃO TERRÍVEL

"Em 88 poderemos ter uma inflação terrível. Ela só vai baixar no momento em que os consumidores verificarem que o governo não está gastando e quando acreditarem que no mês que vem poderão comprar mais barato o que pretendem comprar agora", afirma Vidigal. O que falta às pessoas que administram a economia não é capacidade, é autoridade e isto se conquista com posições firmes e permanentes.

Os choques que tem sido aplicados à economia, observa Vidigal, não teriam fracassado se no dia seguinte o governo tivesse tomado medidas complementares coerentes. "Mas o Brasil fez o choque e no dia seguinte continuou gastando como antes, como se nada tivesse acontecido."